ANNO III — Lisboa, 6 de Março de 1922 — N.º 90

A UNIÃO

ORGÃO OFFICIAL DO CENTRO CATHOLICO PORTUGUEZ — Propriedade da Empreza de Obras Sociais

Director: A. LINO NETTO
Editor: ANTONIO FERREIRA ANTUNES
Redacção
Rua Augusta, 220, 1.º, C.—TEL.: C. 1618

SEMANARIO
Numero avulso $10

Administração
Beco dos Apostolos, 6, 1.º, D.
Composto e impresso nas officinas da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA, rua do Secorro, 43—Lisboa

2.º Congresso Nacional do Centro Católico Português

Trabalhos preparatorios

INSTITUTO CATOLICO PORTUGUÊS

Relatorio

I.—Da necessidade do Instituto Católico Português.

§ 1.º Razões da sua necessidade.

§ 2.º Que o Colégio Português de Roma não póde suprir o Instituto.

II.—Da sua organização.

§ 1.º Que não póde ser como o Instituto Católico de Paris, nem uma simples Casa de Conferências públicas.

§ 2.º Que deve ter uma base eclesiástica.

§ 3.º Quais as bases essenciais do Instituto Católico Português.

III.—Da séde.

§ 1.º Porque não deve ser Lisbôa.

§ 2.º Razões de escolher Coimbra.

I

DA NECESSIDADE DO INSTITUTO CATOLICO PORTUGUÊS

§ 1.º

Razões da sua necessidade

1.—O *canon 1.379* § 2.º do novo Código de Direito Canónico, estabelece que *se fundem Universidades Católicas nas nações em que o ensino Universitário Oficial não seja católico.* O nosso país está, infelizmente, nas condições previstas no *canon* supra-citado, e portanto a êle se dirige o apêlo (que não é lícito sequer discutir) da Igreja.

2.—A *tradição da Igreja*, aliás, foi sempre de promover a criação de centros de actividade scientífica, donde a luz da sua verdade irradiasse para todos os espíritos. Pois que tem o depósito da verdade, a Igreja tem o *dever* de dirigir intelectualmente o mundo; e, como o dirigirá, se perde o contacto com êle? E como poderá manter o contacto, sem centros de altos e profundos estudos teológicos?

3.—*As circunstâncias do nosso país* reclamam urgentemente a sua criação, como a pedra angular de toda a reorganização religiosa. As quais circunstâncias se podem resumir nas três mais importantes: reformas de instrução da República, necessidade duma formação intelectual superior do clero e urgência do alto ensino católico em Portugal.

a) As reformas de instrução da República multiplicaram e engrandeceram as Universidades, impondo-lhes um *ensino neutro*, que é sempre um *ensino* falso, porque incompleto (a verdade não admite mutilações), e muitas vezes é francamente hostil, — ao mesmo tempo que se extinguia a Faculdade de Teologia de gloriosas tradições. Com a República, inaugurou-se uma vastíssima e poderosa conspiração oficial de *laicisação* dos espíritos, logo, de *descristianização*.

Só a verdade católica não tem um instituto paralelo, que possa contrarrestar o ensino oficial; que seja um laboratório da actividade intelectual dos católicos, como que a nossa *Contra-Universidade*. A Igreja opôs sempre as armas da inteligência superiormente iluminada pela fé às armas do êrro, porque foi ela que primeiro ensinou que a fé deve ser fundada na razão. Ninguém se iluda! A luta mais ardente e decisiva é a que se trava no campo da inteligência.

Sob pena de perdermos todo o prestígio intelectual, e com êle a posse dos espíritos (sem os quais a Igreja não vive), urge desde já criar o nosso Instituto Católico, que será o bastião vigilante da fé católica. A sua função será duplamente *defensiva* e *agressiva*: defensora da verdade atacada, e conquistadora das inteligências desorientadas.

b) Intelectualmente essa missão tem de começar pela *alta formação intelectual* da «élite» eclesiástica. Hoje mais que nunca o padre precisa de ser um hómem *superior* em todo o sentido da palavra — as colunas fortes do mundo novo que se adivinha por entre as ruinas do presente. Se êste não fôr elevado sôbre elas, será contra elas...

Está o clero português à altura da sua missão presente?

Infelizmente, o clero português sabe admiravelmente ser *mártir*, mas não está preparado para ser apóstolo. Escravo da rotina pela sua inferioridade de preparação, é mais *conduzido* do que conduz. Jesus Cristo, porém, deu-lhe a missão, que as circunstâncias presentes agravam, de *dirigir*: — cabe ao Instituto Católico dar-lhe a inteira consciência dessa missão.

Os actuais Seminários diocesanos, no geral, não o preparam eficazmente para a sua alta missão renovadora, por falta de meios e de *professores*. Habilitam sofríveis *capelães* para tempos de fé tranquila; não formam almas de *fôgo* que incendeiem o mundo, verdadeiros condutores de almas. Os sacrifícios que a sua actual sustentação pede à Igreja, se não são perdidos inteiramente, não correspondem todavia às necessidades presentes nem aos resultados obtidos. Parece que se impunha imediatamente a sua redução ao mínimo de cinco (trata-se dos de Teologia), pois cada diocese deve ter pelo menos um pequeno Seminário) organizando êsses com os melhores elementos de todas as dioceses, o que representaria (além da selecção do professorado) considerável economia. Nada vale o egoista particularismo das Dioceses contra o interêsse geral da Igreja em Portugal, que exige imperiosamente esta reforma.

A Igreja não lucra com o *número* das obras, mas com a sua *qualidade*, mórmente no caso dos Seminários. Obstinarmo-nos na conservação total dos existentes, sem recursos para os organizar devidamente, e (mesmo que os houvesse) sem professores competentes para todos, e os poucos que há ainda distraídos contra outros cargos, logo inutilizados, pois a retribuição é ridícula: é evidentemente gastar, pouco menos que inutilmente, o que melhor aproveitado poderia ser utilís-

simo, contentar a nossa vaidade com aparências...

A redução dos Seminários de Teologia deve ser o prólogo da fundação do Instituto Católico. Este deve ser a grande oficina do pensamento católico em Portugal, onde todos os problemas do presente sejam estudados profundamente à luz da Doutrina Católica. Dali haverá de sair a direcção intelectual (sob as vistas do Episcopado) de todo o pensamento e acção católicas. Cumpre-lhe formar a «élite» do clero português, em ordem a constituir um autêntico corpo de comando que, cônscio das suas responsabilidades, saiba *dirigir*, para que os católicos sejam em Portugal uma *fôrça*. O alto clero, os professores de Seminários, os que tiverem de exercer os maiores cargos eclesiásticos, deverão passar por lá.

O Instituto dar-lhes-á a plena consciência da sua fé em equação com o momento presente, para que possam dominar êste. Mas, conferindo-lhes graus académicos, dar-lhes-ão também o necessário *prestígio social* — num país onde as palavras valem às vezes mais que as realidades, e onde a República com mão régia distribuiu títulos académicos até aos... boticários!

Note-se bem: a massa do país é católica; o que lhe falta é a «élite» que a enquadre e a eduque. Formar esta é a mais urgente obra a empreender e a de mais largo alcance.

c) Além da formação do alto clero, há que empreender uma *intensa e extensa acção de superior educação intelectual católica*. Um dos maiores males que aflige em Portugal o mundo da inteligência é a sua crassa ignorância religiosa. Não basta batê-la numa acção dispersa, portanto dispersiva; há que acender algures um grande *fóco de luz*, cujos raios cheguem a todo o país, numa acção metódica, constante e progressiva.

Ao Instituto Católico compete necessariamente essa função — prolongando o seu alto ensino católico além do tempo das lições, estendendo-o a todo o país... que sabe lêr:

— por meio *de cursos de vulgarização* em conferências públicas, abertos a *todos* quantos desejem frequentá-los, e por meio das *publicações do Instituto*, em cujo número deve entrar necessariamente uma Revista e as lições e trabalhos dos seus professores.

Com êsses cursos públicos tornar-se-á facilmente acessível aos meios intelectuais da mocidade o conhecimento sólido e esclarecido, quanto possível superior, da doutrina Católica. Há muito que tais cursos se fazem nos Institutos Católicos da França, com optimos resultados; e ainda recentemente a Universidade Gregoriana, de Roma, os inaugurou com os mesmos resultados.

As publicações do Instituto virão preencher uma lacuna vergonhosa entre nós: a falta duma bibliotéca católica. Só os que sabem ler francês poderiam em Portugal seguir os processos do pensamento católico, se... pudessesm adquirir todos os livros que lá fóra se publicam.

Com a Revista, o Instituto terá ao corrente do curso das ideias e dos problemas os católicos portugueses. Ao mesmo tempo irá pouco a pouco enriquecendo a nossa livraria com obras necessárias à defesa e conquista católica do pensamento (que serão duplamente uma afirmação de inteligência e um alimento para o *espírito*), já publicando trabalhos originais, já traduzindo e adaptando obras estrangeiras que o mereçam.

Mas para isto é absolutamente indispensável que os professores não vão ser distraídos com outras obrigações, que não sejam as do estudo...

§ 2.º

Que o Colégio Português de Roma não póde suprir o Instituto Católico

Altos serviços o Colégio Português tem prestado e outros prestará ainda. Todavia, não póde ser um impedimento à fundação do Instituto Católico Português, pelo seguinte:

1) O raio da sua influência fica limitado apenas aos alunos que vão cursar a Universidade Gregoriana, os quais são sempre, infelizmente, poucos, por mais que sejam;

2) E por mais que fôssem, o Colégio Português não satisfaz, nem póde vir a satisfazer, esta imperiosa necessidade — dum centro católico de actividade scientifica entre nós, alguma coisa como que a nossa Universidade;

3) Como se prova com o exemplo das outras nações, como a França, Belgica, etc., que, com terem em Roma os seus colégios (e o nosso deve também conservar-se) não puderam dispensar-se de fundar vários Institutos ou Universidades Católicas.

Impõe-se, pois, como conclusão, esta verdade: a necessidade imperiosa urgente e capital da fundação do Instituto Católico Português, aconselhado pelo Direito Canónico e reclamado instantemente pelas necessidades mais imediatas da Igreja em Portugal.

DA SUA ORGANIZAÇÃO

§ 1.º

Que não póde ser como o Instituto Católico de Paris, nem uma simples Casa de Conferências

O Ex.mo Sr. Doutor A. Forjaz de Sampaio apresentou no Congresso de maio de 1921 do Centro Católico um projecto decalcado sôbre aquele benemérito Instituto — no qual se preconizava ao lado das Faculdades Eclesiásticas a existência de Faculdades civis.

Todavia, quere-nos parecer absolutamente inviável aquele projecto, ainda que em princípio fôsse admirável, se se pudesse realizar... As circunstâncias *especiais* do nosso país não comportam cá o que lá existe.

1.—*A proibição do ensino religioso.* Segundo a letra do artigo .º da Lei da Separação, não seria lícito o alto ensino católico, ficando assim desde já prejudicado o fim primacial do Instituto — as Faculdades Canónicas não poderiam subsistir. Mas demos que nós conquistassemos a liberdade de ensino, ou que se professassem só as Faculdades civis: não teriamos porém alunos.

2.—*O monopólio do ensino pelo Estado.* Do ensino professado não se poderia passar um diploma *oficialmente* reconhecido, sem o qual ficariam cerradas todas as *carreiras públicas*, quere dizer, os nossos cursos seriam praticamente *inúteis*, logo ficariam *desertos*.

Em Portugal a frequência das Universidades tem um fim *utilitário* em vista, a *colocação* no termo do curso. Não há meio intelectual com vida independente. A experiência está feita: basta citar o caso dos cursos facultativos abertos em algumas Faculdades, que ficam sempre abandonados. E ainda quem os rege são os próprios professores, a quem os alunos têm interêsse em demonstrar provas de aplicação!

Não colhe em contrário o exemplo do Instituto Católico de Paris, antes prova a favor. Ali, os cursos frequentados são oficialmente reconhecidos como preparação *suficiente* para os exames na Universidade.

Não haveria alunos, demos porém que sim: seriam *dilettantes*, e por conseqüência improfícuo o ensino.

3.—*A improficuidade do ensino.* Reconhecida em Portugal a falta de curiosidade scientifica e de tenacidade no trabalho os alunos do Instituto não *estudariam* regularmente, nem se *aguentariam* a frequentar assiduamente.

Não *estudariam*, pois constituindo pura curiosidade para êles o curso, sem o *interêsse* imediato, e a demais ocupados noutras obrigações, essas imperiosas, limitar-se-iam a ouvir os professores... se ouvissem.

Nem se *aguentariam*, pois passada a novidade, o ensino perderia de interêsse para êles, e êles a... paciência.

Onze anos de experiência de curso *livre* nas Universidades devem ter tirado as últimas ilusões a quem ainda as tivesse. E note-se que aqui os alunos são obrigados às materias professadas (que não ouvem), e andam preparando a sua colocação na vida! No antigo Curso Superior de Letras, durou muito tempo porventura o *fôgo* pela assistência às conferências dos seus mestres illustres, que um rei muito amado honrava e animava com a sua presença!...

Desenganêmo-nos, no nosso país, qualquer coisa como uma *Universidade livre*, com cursos em séries

de conferências, sem garantias oficiais, nunca realizará o que com o Instituto se pretende — um centro de intensa e alta vida intelectual.

4.—*A falta de professores.* Mas mesmo que por milagre ficassem ouvintes para os mestres, haveria mestres para os ouvintes?

Sem alunos a *valer*, poderiam ensinar a *valer* os professores? Faz-se com cuidado uma conferência para uma assembleia que se interessa e até... que se não interessa, mas não se faz uma série delas, quando se está convencido da sua inutilidade. Alunos *dilettantes* tornam *dilettantes* os mestres.

Depois os professores (supondo que os tinhamos competentes) viriam ali fazer algumas conferências mas não viveriam exclusivamente para elas.

Seriam no Instituto Católico como alguns na Universidade: várias coisas e também... professores. As suas outras ocupações absorvê-los-iam; para o Instituto ficariam apenas as horas vagas da sua dedicação, e que, sendo muito como sacrifício, era evidentemente pouco para o Instituto.

Demos de barato, porém, que tinhamos liberdade de ensino, alunos aplicados, e professores competentes: não tinhamos meios.

5.—*A falta de recursos.* Onde se iriam buscar recursos para montar várias Faculdades? Seja só a de Sciências, por exemplo. A não ser que quiséssemos desacreditar-nos intelectualmente, haveria de se dotar com gabinetes, laboratórios, livros, etc.: isso importa hoje em *milhares de contos!* Quanto custa hoje só a organização duma bibliotéca?! Ou póde fazer-se ensino sério sem isso tudo?

Porque, se se pretende opôr à Universidade oficial a nossa é preciso que esta se não tenha que envergonhar ao lado daquela. Ou o ensino há de ser como *deve*, ou não se faça. Uma tentativa mesquinha comprometeria a nossa reputação intelectual, era *contraproducente*.

§ 2.º

Que deve ter uma base eclesiástica

Nas presentes circunstâncias, o Instituto Católico Português só poderá existir sôbre uma base eclesiástica:

—quanto ás Faculdades essenciais (altos estudos eclesiásticos);

—e quanto à freqüência *garantida* de alunos vindos dos Seminários Teológicos.

Reconhecido que não há entre nós ,além da proíbição do ensino religioso, nem liberdade de ensino, nem meio intelectual autónomo, manifesto se torna que o Instituto a fundar tem, necessariamente, de funcionar por *trás* dum Seminário, o que lhe assegura existência oficial, sem prejudicar aliás os fins da criação e difusão da alta cultura católica que êle se propõe. A sua finalidade *imediata* deve ser a superior formação eclesiástica da «élite» do clero português, pois que esta é a obra mais urgente, e nas actuais circunstâncias a *única* que garante a realização das demais que se deve propôr ao Instituto.

Mediante a realização daquela, se assegura directamente em Portugal a existência do alto ensino católico; e poder-se-á imediatamente, em condições práticas, estendê-lo até aos meios leigos, pela livre admissão à matricula, por cursos públicos especiais, e pelas publicações do Instituto.

Nestas bases o Instituto Católico realiza imediatamente os fins essenciais da sua instituição, e mediatamente os que se propõe um Instituto... à semelhança do de Paris (e que em Portugal não é possível).

1.—*Realiza essencialmente os fins da sua instituição:*

a) ilude-se a proíbição do ensino religioso nos estabelecimentos particulares, apontando aos *Argus*, da lei como um *grande Seminário*, cuja organização não é da competência do Estado;

b) atinge o fim *essencial* de todo e qualquer Instituto Católico, por meio das suas três Faculdades canónicas — o alto ensino católico.

c) satisfaz a necessidade mais urgente da reforma católica em Portugal — a alta formação eclesiástica;

d) assegura a eficácia do seu ensino no sentido da elevação e da assiduidade, porque lhe garante a matrícula *obrigatoria* de alunos seleccionados e já iniciados nos problemas filosóficos e teológicos, o que será um estímulo aos brios do professor; e proporciona um corpo escolhido de professores, que farão desses problemas a ocupação *exclusiva* do seu estudo;

e) o ensino não ficará confinado exclusivamente aos meios eclesiásticos, mas estender-se-á a todo o público, por meio da publicação *obrigatória* dos trabalhos dos professores.

2.—*Realiza indirectamente os fins do Instituto como o de Paris — de difusão e penetração católica do pensamento contemporâneo nos meios intelectuais leigos: :*

a) pela permissão da matrícula nos seus cursos canónicos aos que, mesmo leigos, devidamente o requeiram;

b) pelos seus cursos públicos de conferências, abertos à grande concorrência, nos quais se estudarão com carácter de vulgarização os problemas mais urgentes e actuais.

Estes cursos foram abertos nos últimos anos pela Universidade Gregoriana, com sempre crescente assistência e animadores resultados. E' de crêr que também cá o seu exito seria grande, atenta a novidade dos assuntos e o meio universitario em que o Instituto se criará.

Poderiam mesmo repetir-se, provado que despertassem interêsse, nos grandes centros de Lisbôa e Pôrto, mediante a criação dum organismo próprio.

Mas mesmo que tal não sucedesse, o fim essencial do Instituto não seria com isso afectado. Com serem úteis, pela difusão fácil de ideias desconhecidas e como afirmação de doutrina, não são sequer a fórma mais eficaz do ensino, pela falta, em regra, de aplicação *pessoal* dos ouvintes.

3.—*E prepara a criação duma futura Universidade católica.*

Se é hoje o ideal irrealizável, póde-se, porém, alimentar a esperança, que o nosso país ainda chegue algum dia a ser um país... civilizado. N'esse dia fatalmente nos será reconhecida a liberdade e igualdade de ensino em todos os seus graus. Será então o momento de criar a Universidade Católica: não há que criar tudo de novo, basta alargar apenas o que já existe. Só uma coisa será ainda necessária: é que haja católicos...

§ 3.º

Quais as bases essenciais do Instituto Católico Português

Em conclusão de quanto fica indicado, se vê que o Instituto Católico Português terá de se fundar sôbre estas bases necessárias e essenciais, a saber:

1.ª *Base eclesiástica*, quanto ao ensino essencial, e quanto à freqüência;

2.ª Organização do ensino extensivo (para os meios intelectuais leigos), *subordinadamente* ao eclesiástico;

3.ª Distinção entre os cursos eclesiásticos de aplicação intensiva, apenas para os que se proponham fazer estudos superiores (cursos privados), e os cursos de extensão universitária católica, abertos a todo o público (cursos *públicos*).

DA SEDE

§ 1.º

Porque não deve ser Lisbôa

Posto se tenha já pensado em Lisbôa (de outras cidades nem vale a pena falar), é óbvio que não deve ser anteposta a Coimbra. Se o ser capital lhe dá especial importância política, não basta a torná-la meio próprio para o Instituto, e até a contra-indica.

O Instituto deve propôr-se, como fim mais directo, a alta formação eclesiástica: e Lisbôa com as suas distracções, e o seu bulício, e as suas desordens, e a sua turbulência política, não oferece condições convenientes. Mesmo internados, sempre um éco de enorme e tentador ruído do mundo, haveria de chegar ao ouvido dos tonsurados alunos do Instituto, suficiente para os distrair, senão perder... A experiência já feita com o Seminário de S. Vicente (que houve de se retirar para Santarém) depõe contra a escolha da capital, como meio para a

formação de padres. Se... até para os rapazes que freqùentam os seus cursos civis, os modernos Estados procuram desviá-los da dissipação dos grandes centros, com a fundação de bairros académicos!

Além de que Lisbôa não poderia fornecer os necessários instrumentos de trabalho para estudos eclesiásticos superiores. Onde encontrar o fundo de bibliotéca teológica, sôbretudo moderno, que o ensino superior da teologia exige? Tentá-lo sem êle seria condenar a ridículo fim a generosa tentativa de altos estudos católicos em Portugal, comprometendo do mesmo passo a nossa reputação intelectual.

Nem colhe o argumento de que Lisboa, sendo como capital o centro da vida e actividade do país, aí haveria mais condições de exercer eficazmente uma larga acção de extensão universitária católica, entre um público mais numeroso e diverso e porventura escolhido. Ora urge considerar que:

Em primeiro lugar, dado mesmo que assim fôsse, êste fim, como secundário que é, tem de ser subordinado ao mais urgente e capital — a formação duma «élite» eclesiástica e Lisbôa não é o meio conveniente para ela;

Em segundo lugar, se por um lado a conveniente formação eclesiástica exige que o Instituto seja *fóra de Lisbôa*, por outro lado as vantagens problemáticas da capital para a extensão universitária *não exigem* a sua colocação aí, pois facilmente os professores do Instituto poderão vir a Lisbôa fazer séries de conferências;

E em terceiro lugar, tais vantágens são mais aparentes que riais, porquanto, dado o regime do monopólio do ensino pelo Estado, e a falta de meio intelectual entre nós, a haver alunos, seria sempre um público incerto de curiosos, sem disciplina de trabalho. Quer dizer, o Instituto tornar-se-ía, não um verdadeiro Instituto Católico, a nossa pequena *Universidade*, onde num intenso trabalho intelectual mestres e alunos se impuzessem ao país pelo seu valor, mas uma... sucursal de conferências da benemérita Juventude Católica.

Em conclusão: as vantágens que Lisbôa oferece são mais fictícias que verdadeiras, e os inconvenientes são muito riais.

§ 2.º

Razões de escolher Coimbra

Coimbra está, naturalmente, indicada. Impõe a sua escolha toda a série de razões a saber:

1.ª *A tradição universitária.* Embora Lisbôa e Pôrto sejam hoje sédes de Universidades, não têm contudo tradição universitária, logo o prestígio que ainda cérca os *doutores de Coimbra.* O hábito mental de vêr em Coimbra a lusa Atenas é o produto de vários séculos, há que respeitá-lo: o nosso povo compreenderá que se vá a Coimbra conquistar os graus canónicos, mas não compreenderá tão bem que se vá a Lisbôa, e de maneira nenhuma que se vá ao Pôrto. *Ir a Coimbra* tem ainda hoje uma grande importância psicológica.

2.ª *O meio universitário.* Nem tradição universitária nem meio universitário. Não é a Universidade que dá fisionomia àquelas cidades, mas a vida política e burocrática, ou comercial e industrial. Atraídos lá, os alunos do Instituto hão de ser mais ou menos distraídos com as preocupações e divertimentos de tais meios onde estarão como que *dépaysés.* Reconhecem o inconveniente os países mais adiandos, mesmo nos estudos leigos; e procuram evitá-lo, isolando quanto possível os estudantes.

Coimbra, pelo contrário, oferece todas as vantágens dum *meio universitário:* fisionomia espiritual (o que não é indiferente como quadro exterior para a habitual ocupação de espírito de quem estuda); relações necessárias de convivência com pessoas igualmente trabalhadas de preocupações intelectuais, de cujo convívio se lucrará sempre (desde que pelo regime do Seminário Universitário os possíveis perigos fiquem arredados) o alargamento do espírito próprio e o melhor conhecimento do estado de espírito alheio, que é condição indispensavel para se exercer influência sôbre êle; efervescência de ideias novas e contradição dos espíritos, no meio da qual se aprende a defender as ideias próprias e se mantem em constante àlérta o espírito.

Do que especialmente diz respeito às relações, a sua importância é tanto maior que, tendo de futuro os alunos eclesiásticos de desempenhar cargos de maior representação, lhes podem ser preciosas algum dia.

Mas desde já se poderão impôr pelos seus talentos e virtudes, num meio académico que os interesses ainda não endureceram à influência de nobres exemplos, adestrando-se aqui num como que noviciado da sua futura missão de conquista espiritual. Para os estudantes católicos da Universidade serão então apoios, conselheiros e amigos: um centro católico académico terá neles os seus melhores colaboradores.

Para favorecer estas relações, parece-nos do mais largo alcance que se mandassem os alunos do Instituto Católico a frequentar na Universidade aquelas cadeiras do quadro de estudos do Instituto que não pudessem ter alcance doutrinal, como por exemplo o *grego* e o *hebreu;* e, excepcionalmente, poder-se-ía permitir a um aluno mais distinto tirar simultaneamente na Universidade uma Faculdade de Estado. Pois que se trata sempre de alunos escolhidos, só lucrariam no conceito geral em concorrerem com os alunos da Universidade; e seria até uma maneira do Estado nos indemnizar um pouco, mantendo à sua custa cadeiras nossas, do muito que nos roubou...

3.ª *A continuidade do ensino da Teologia.* Em Coimbra o Instituto Católico continuaria a tradição da extincta Faculdade de Teologia. As sombras gloriosas dos seus ilustres mestres cobririam ainda com o seu prestígio os mestres modernos. O Instituto porém, não lhe herdaria só a sucessão do ensino, mas também o uso da sua Bibliotéca, cuja consulta seria fácil na Bibliotéca da Universidade. Além da Bibliotéca intacta do Seminário de Coimbra.

4.ª *A facilidade de instalação.* Pois que é preciso moderar a ambição dos nossos desejos pela míngua dos nossos recursos, Coimbra ofereceria desde já excepcionais facilidades de instalação no seu grandioso Seminário. Sem despesas excessivas, o Seminário de Coimbra póde talvez ser aproveitado vantajosamente: a sua magnífica situação, a sua grandiosidade, até a sua tradição (pois por ali passaram grandes homens dêste país como mestres e como alunos), tudo o aconselha naturalmente.

Um dia, que os católicos portugueses podem tornar breve..., poderiam instalar-se porventura, pelo menos os cursos públicos, no magnífico edifício do Centro Académico Católico, cujo projecto grandioso (e mais grandioso póde ainda ser) está à espera que os católicos portugueses se lembrem das suas... obrigações.

5.ª *A situação central de Coimbra.* Sôbre estas razões acresce a da situação central de Coimbra. Não é ela tão indiferente para mestres e para alunos. Para os alunos, que serão na quási totalidade do centro e do norte do país, representa, além da facilidade e rapidez de viágens, economia apreciável, já nas viágens, já no passadio; para os mestres, se os houver de Lisbôa e Pôrto (e deve prever-se a sua existência, pelo menos para os cursos especiais e conferências) representa, além da economia da viágem, economia de tempo e diminuição de incomodo.

Os nossos amigos

Foi muito apreciada a comunicação, ha pouco, realizada na *Associação dos Medicos do Centro de Portugal,* pelo nosso bom amigo e distincto assistente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, sr. dr. João Maria do Porto, antigo presidente do glorioso *Centro Academico de Democracia Cristã.*

Leiam a

Revista Brotéria

Conde de Samodães

Publicamos hoje o retrato d'um dos mais gloriosos Campeões da Causa da Egreja em Portugal: — o nobre e inolvidavel Conde de Samodães.

Grandes foram as suas virtudes; extraordinarios os serviços que prestou á Religião e á Patria.

Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar, 2.º visconde e 2.º conde de Samodães, viu a luz do dia em Cambade (Villa Nova de Gaya), em 16 de Julho de 1828.

Era seu pae o 1.º conde do mesmo titulo, o sr. Francisco de Paula d'Azeredo Figueira de Carvalho. Descendia, pelo lado materno, do governador das armas do Algarve, Henrique Correia da Silva, que n"aquella provincia iniciou o movimento restauracionista em 1640.

Foi educado no colégio da Lapa e no lyceu de Lisboa, onde fez os exames de humanidades, que, depois, repetiu em Coimbra, matriculando-se, na Universidade, nos bacharelatos de Mathematica e Philosophia, em 1843; concluiu o primeiro bacharelato em 1849, sendo premiado em todos os anos, pois obteve sempre as primeiras classificações.

Em 1844 assentou praça em infantaria 6, sendo promovido a alferes, em infantaria 18, em 1846. Tomou parte em varias escaramuças na *Revolução da Maria da Fonte*.

Preso por suspeito, pelo ensejo dos sucessos militares do Porto, conseguiu fugir, seguindo por mar, depois de varios episodios, até Vigo, d'onde passou a Valença, apresentando-se ao Conde de Casal, comandante das tropas fieis á rainha. Ahi, entrou n'um batalhão, formado por evadidos do Porto, onde já funcionava a Junta, seguindo, mais tarde, por mar, para a capital.

Foi depois adido ao regimento de infantaria 7 e nomeado ajudante do visconde de Ponte da Barca, e, depois, do barão de Almofalla, entrando no Porto, com as tropas de Saldanha, em Julho de 1847.

Após a convenção de Gramido, foi transferido para infantaria 8, e voltou para a Universidade, inscrevendo-se no curso geral da Escola do Exercito, e seguindo, simultaneamente, o curso complementar da Escola Politechnica.

Aos 23 anos, quando se deu o movimento da Regeneração de Saldanha, tinha já o posto de capitão.

Tendo pronunciado um discurso n'uma reunião efectuada no Palacio da Torre da Marca, no Porto, classificando de ilegal o procedimento do governo por ter convocado Côrtes para reformar a Carta, contra o que esta estatuia, foi transferido para infantaria 5, em Angra do Heroismo.

Como desejasse continuar os seus estudos na Escola do Exercito e lhe fosse cassada a necessaria licença, recebendo ainda ordem de partir, sem demora, abandonou as armas em Novembro de 1851—facto que motivou geral indignação.

Pouco depois era eleito deputado por Lamego, concluindo, brilhantemente, em 1852, o curso de engenharia.

Como parlamentar, demonstrou altamente a sua proficiencia, ingressando nas principaes discussões e fazendo parte de varias comissões legislativas.

Sessenta e seis parlamentares de todas as facções partidarias, então representadas, votaram a sua

reintegração no exercito, ao que o marechal Saldanha se opôs, desistindo os proponentes para evitar conflitos.

Em 1856, terminada a legislatura, retirou-se para o Porto, sendo logo escolhido para presidente da Camara Municipal.

Tendo falecido seu pai no ano imediato, foi, em 1858, elevado a par do Reino.

Em 1859 consorciou-se com a sr.ª D. Henriqueta Adelaide Vieira de Magalhães (Alpendurada), viuvando mais tarde.

Militando no partido reformista, então existente, foi governador civil do Porto em 1868 (lugar que lhe foi novamente confiado em 1870), e ministro da Fazenda em 1869, no ministerio formado pelo sr. bispo de Vizeu.

Havendo-se demitido e sendo muito discutida a sua gerencia ministerial, publicou um livro, que atesta o seu valor em assuntos financeiros, defendendo-se habilmente.

Em 1870 abandonou a politica e só em 1879-81 foi relator na Camara dos Pares das mais graves questões de fazenda.

A sua ultima oração parlamentar, que foi notabilissima e tratou da aliança anglo-lusa, foi proferida por ocasião da visita dos reis de Inglaterra ao nosso paiz.

Era vastissima a sua erudição; falava correntemente o francez, o inglez, o alemão, o italiano e o latim, como patenteou nos brindes que fez n'um lanche oferecido aos congressistas da imprensa, em 1893.

Seguia, *pari passu*, o movimento literario do seu tempo.

A sua bibliotheca era colossal e de extraordinario preço.

Numerosas agremiações literarias, artisticas, profissionaes e politicas sentiram a influencia progressiva da sua incansavel actividade e raro critério. Assim, foi durante quarenta anos inspector da *Academia de Belas Artes;* durante trinta, presidente da *Sociedade Humanitaria;* vogal da Junta Literaria da *Associação dos Jornalistas*, do Porto; presidente da *Liga Monarchica*, do Porto; da *Sociedade Camoneana* e da *Sociedade de Estudos e Conferencias;* diretor do *Palacio de Crystal*, membro das *comissões phylosérica* e da *cultura do tabaco* no Douro; de todas as exposições industriaes e agricolas no *Palacio de Crystal;* fundador e director da *Companhia Vinicola do Douro*, onde desenvolveu uma ação importantissima; vogal do Conselho Superior de Instrução Publica, como delegado da *Academia de Belas Artes*, do Porto, e da *Comissão Promotora do Centenario do Infante D. Henrique*.

Foi um dos membros da deputação que representou Portugal na celebre *Exposição de Paris*, sendo ahi agraciado com o titulo de oficial da Legião de Honra.

As obras catholicas de piedade e acção social foram sempre objecto da sua melhor dedicação. Pertencia á *Venerável Ordem Terceira de S. Francisco*, da qual era ministro; foi durante vinte anos presidente da *Associação Catholica*, do Porto, e, durante 7, provedor da *Santa Casa da Misericordia*, da mesma cidade, etc.

A' sua iniciativa se deve (se não estamos em erro), a introdução, em Portugal, pela fundação d'uma *Conferencia*, no Porto, da *Sociedade de S. Vicente de Paulo*, que hoje gosa, entre nós, de invulgar expansão.

Em varias associações catholicas do paiz realisou proveitosissimas conferencias.

Foi um elemento de relevo e acção no *Partido Nacionalista* (a segunda modalidade da organisação politica catholica em Portugal), proferindo notaveis discursos nos seus congressos.

Presidiu ao primeiro Congresso Catholico, que se reuniu no nosso paiz e á tumultuosa sessão de encerramento do 2.º Congresso da Juventude Catholica Portugueza, em 1914.

Quando da fundação do *Centro*

Catholico Portuguez, em 1917, o venerando octogenário inscreveu-se n'ele com enthusiasmo, acompanhando, cheio de interesse, a sua marcha.

E' raro o prestigio da obra bibliographica e jornalistica que legou.

Atravessando uma epoca imbuida de preconceitos do racionalismo e do liberalismo, foi sempre um athleta da fé, sustentando, galhardamente, na imprensa, a *bandeira impoluta do catholicismo*.

Veuillot devia sentir-se honrado por ter, na nossa Patria, um tão preclaro *companheiro d'armas*.

Os seus artigos impunham-se pela *fluencia, lucidez de argumentação e profundeza de conhecimentos religiosos e sociaes*, profligando em esmagadoras polémicas as objecções e ataques do campo inimigo.

Colaborou, principalmente, no grande diario catholico portuense *A Palavra* e ainda no *Boletim Cartista* (Coimbra), *Lei, Periodico dos Pobres, Correio Nacional, Primeiro de Janeiro, Imprensa e Lei, Braz Tisana, Jornal do Porto, Nacional, Boletim da Liga dos Lavradores do Douro, Douro Agricola* e outras revistas scientificas, literarias e agricolas.

A sua bibliographia consta, sobretudo, dos seguintes originaes e traduções:

Apologia do Christianismo, de Hettinger (versão, 5 vol.); *A Serafina do Carmello* (original), *Apologia de Santa Thereza* (versão a proposito do seu centenario); *O Marquez de Pombal cem anos depois da sua morte* (original; *Memoria historica do Palacio de Crystal* (orig.); *Apontamentos Biographicos* de seu *pai* (orig.); *Vida do Beato Bento Labre, A Liberdade da Egreja em Portugal* (orig.); *A Paz da Alma de* Chaignon (versão); além de téses, primorosos relatórios de muitas das agremiações em que superintendeu, etc.

Além das honrosas commendas, que lhe haviam sido outhorgadas por S. S. Leão XIII e Pio IX e da *Legião de Honra*, possuia a *Gran-Cruz de Carlos III*, de Hespanha.

Era socio correspondente da *Academia das Sciencias*, de Lisboa, etc.

Finando-se, depois de confortado com os ultimos sacramentos, no dia em que ocorre o aniversario da morte do Seráfico d'Assis. o seu funeral foi uma eloquente exteriorisação da admiração e afecto, que o cercavam.

Que junto de Christo repouse o seu fiel soldado!

Romances e Canções Populares da Minha Terra

POR

FRANCISCO SERRANO

Preço: 2$00

Á VENDA NA

Rua dos Fanqueiros, 254-LISBOA

O Centro Catolico Portugues e a eleição do Sumo Pontifice

Por motivo da auspiciosa coroação do Santo Padre Pio XI foi enviado, para Roma, o seguinte telegrama:

Eminentissime Cardinal Gasparri

ROME

Le Centre Catholique portugais supplie Votre Eminence offrir Souverain Pontife occasion glorieux Couronnement hommage filial et complète obéissance à l'Eglise à tous enseignements et directions Saint Siège Sollicite bénédiction Apostolique.

Président.

Lino Netto

Em resposta, tivemos a consolação e felicidade de receber este outro, que muito nos comove e anima:

Sua Santidade, muito sensivel á homenagem filial do Centro Católico Português, agradece de todo o coração e envia benção apostólica, formulando votos paternais.

Cardeal Gasparri

Cardeal Patriarcha

Seu regresso de Roma

Sua Eminencia o senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, que, como oportunamente se noticiou, foi a Roma tomar parte no Conclave para a eleição do novo Sumo Pontifice, regressou a Lisboa, em 20 do mês ultimo, no «Sud-Express» chegando perto da meia noite. Vinha acompanhado dos srs. padres Freitas Barros e Antonio Joaquim Alberto. Na estação, apesar da hora adeantada, estava tudo o que de mais distinto e de relevo havia no meio catolico de Lisboa. A' chegada, do comboio, foram levantados vivas a Sua Eminencia, á Egreja e á Patria, mostrando-se o venerando Purpurado bastante satisfeito e bem disposto.

Damos as boas vindas e apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos ao venerando Prelado..

CRISE DE APOSTOLOS

E', incontestavelmente, a maior crise que afecta Portugal nos nossos dias.

E' já axiomático que, só regressando *integralmente* á Egreja Catolica a nossa querida Pátria póde ressurgir e viver. São, porém, poucos os apostolos inflamados do verdadeiro espírito cristão, com a autoridade religiósa e moral indispensáveis, dispostos aos sacrificios e ás contrariedades que o apostolado requere e exige.

E' optimo ou, pelo menos, bom o terreno; propício o momento que corre...

Mas, os apóstolos escasseiam, e, por isso, a messe de almas é relativamente diminuta.

Se, em especial, descermos ao campo restricto mas muito prometedor, das gerações novas, aí reconheceremos que a nossa maior crise é a crise de apóstolos...

Já Soror Tereza do Menino Jesus dizia que são inumeras as almas que chegariam a uma alta perfeição se, desde o começo, houvessem sido bem dirigidas.

Quantos rapazes do nosso tempo dariam esplendidos católicos de *piedade* e de *acção* se um *apóstolo* lhes tivesse dispensado a sua convivência, aconselhando-os, orientando-os...

Quem estas linhas escreve, esteve, ha dias, em contacto com a mocidade liceal duma das mais antigas cidades do país, convencendo-se aí, experimentalmente, do que acaba de afirmar.

Se os apóstolos—sacerdotes ou leigos—fôssem alguns mais, como se alargaria e intensificaria a acção civilizadora da Egreja, como diminuiriam os desastres morais e sociais, que, a cada passo, tanto nos compungem.

Padres e verdadeiros católicos de Portugal, meditai nesta crise gravíssima e disponde-vos a dar-lhe remédio, ajudados por Deus!...

O. F.

ELEIÇÃO DO SANTO PADRE

«Te-Deum»

No dia 21, pela 1 hora da tarde, celebrou-se com a maior solenidade e concorrência de fieis, assistindo o senhor Cardeal Patriarca, um *Te-Deum*, em acção de graças pela auspiciosa eleição do Santo Padre Pio XI. Foi uma grandiosa manifestação de fé.

Um monumento scalabitano, que encerra uma grande lição para os verdadeiros catolicos.

Visitando Santarem, essa cidade de tão ricas tradições cristãs, que, por transmissão hereditária, influenciam ainda as almas dos seus habitantes, mas hoje duma vida tão escassa, não só sob o ponto de vista religioso como sob todos os outros, um facto me impressionou singularmente.

Uma só estatua se encontra na cidade e o seu singelo pedestal é sobrepujado pelo busto dum sacerdote, ancião insinuante e expressivo, envergando a sua batina e vestido de sobrepeliz e estola. E' uma homenagem da *Fraternidade Operaria* de Santarem ao rev. Francisco Nunes da Silva, falecido nos fins do ultimo seculo que, no testamento, dispôs que a sua fortuna constituisse o capital destinado a subsidiar com *doze vintens diários*, (*doze vintens*, naquele tempo...) os operarios sexagenarios daquela historica cidade, impossibilitados e carecidos de meios pecuniários.

A' inauguração, ha cinco anos ocorrida, da estatua, acorreram inumeros operarios, discursando varios dos seus *meneurs*, não deixando tambem de comparecer e falar—e honra lhes seja—os elementos católicos. Outro tanto sucede todos os anos no aniversario da sua morte, numa romagem que á sua campa se realisa. E hoje, os bons mas transviados operarios scalabitanos referindo-se ao popular *Padre Chiquito*, chamam-lhe, com admiração... o *Padre bolchevista!...*

Amigo leitor, esta frase não sintetisará uma lição eloquentissima, que precisas reter e meditar?...

Porque um bom sacerdote, num acto genuinamente evangelico, se lembrou caridosamente dos operarios, estes apontam-no não como um digno ministro da Egreja mas como um... *padre bolchevista...*

Qual a principal causa deste facto devéras interessante?

Não seremos *nós* os principais culpados?...

Este epiteto (ingenuo, talvez) do povo de Santarem é a estigmatização do clero e dos catolicos portugueses das ultimas gerações salvo excepções honrosissimas...

Provem duma mentalidade popular formada ante o espectaculo vergonhoso do nosso egoismo incoerente, da mesquinhez da nossa orientação social, do platonismo inteiramente esteril do nosso... espirito cristão.

Clero e catolicos do tempo do liberalismo cumprimos tão exemplarmente os preceitos da justiça e da caridade, soubémos amar e pugnar tão intensamente pelos irmãos de mister de S. José e do Mestre Divino, que hoje um padre que procedeu como o citado Padre Nunes da Silva é olhado pelo povo não como um levita dotado do espirito da Egreja, mas como um *padre bolchevista!...*

Leitor amigo, sacerdote ou leigo, que tens a bondade de ler estas linhas, apressadas mas cordeais, pensa neste facto ajoelhado aos pés do teu crucifixo... E, depois, com o nome de Deus nos labios e o Evangelho no coração, vai, vamos restaurar na terra de Frei Nuno a *democracia cristã de Leão XIII...*

O F.

Juventude Catholica Portuguêsa

Covilhã

Na séde desta prestimosa colectividade, que tanto bem tem difundido e tantos prgressos tem registado ultimamente, realizou ha dias, uma b la conferência o ilustre sacerdote rev. Fino Beja. No próximo dia 3, dissertará sobre as *Ordens Religiosas*, o distincto advogado covilhãnense, sr. dr. Almeida Eusébio. Felicitamos os nossos dedicados amigos e apreciados conferentes.

O PADROADO DO ORIENTE

Notavel conferência do sr. bispo de Macau

Na Sociedade de Geografia de Lisboa e a convite desta, realisou o sr. D. José Nunes da Costa, ilustre bispo de Macau, uma brilhantissima conferência sobre o «Padroado do Oriente», na noite de 21 de fevereiro. O distinto Prelado falou com grande fluencia, erudição e utilidade, tendo sempre preso o auditorio, que era selectíssimo, da sua palavra auctorizada. O problema do «Padroado do Oriente» foi posto vivamente a claro, causando uma profunda impressão a todos os circunstantes e deixando vêr o poderosíssimo instrumento de influência politica, moral e economica que este padroado foi sempre, e é ainda, para Portugal. No final foi o venerando Prelado vibrantemente aplaudido e cumprimentado.

Centro Catholico Portuguez

DIOCESE DE COIMBRA

Comissão Paroquial de Seixo de Mira

Presidente, Afonso de Miranda Catarino, lavrador; vice-presidente, Manuel da Cruz Conceição, proprietario; tesoureiro, Abilio de Oliveira Ventura, proprietario; secretario, Antonio Miranda, proprietario e antigo sargento do C. E. P.

Vogais: Albino Marques de Oliveira, Manuel da Cruz Ferreira, Luiz de Almeida e Manuel Ferreira.

A formação catolica dos rapazes

E' na realidade, de grande significação o seguinte trecho duma carta que o almirante W. S. Benson acaba de dirigir ao *Conselho Nacional Catolico da Guerra.*

Os rapazes teem todos os atributos cristãos, mas não professam nenhuma religião e este facto deve ser considerado quanto aos rapazes catolicos.

Faça-se tudo o que se poder em favor desses jovens. Que todos os nossos esforços tendam para lhes desenvolver a individualidade em ordem a que sejam os catolicos mais felizes, mais firmes e mais activos quando chegarem a uma idade madura.

A não ser que esses sentimentos inspirem os que tem o dever de velar por eles, acompanhando-os cuidadosamente em cada situação da sua vida, correm muitos perigos. O bem que lhes podemos fazer é tão grande que não devemos hesitar em empregar todo o esforço e entusiasmo possiveis nesse movimento. Os bons padres podem alcançar grande credito nesse trabalho e todos os bons catolicos os devem secundar.

Eu terei a maior alegria em concorrer com a minha assistencia quanto possa.

EM CARDIGOS
Fabricas de velas de cera d'abelhas
Cera amarela e cera branca em grumos
PREMIADAS EM VARIAS EXPOSIÇÕES
Fundadas em 1850
Casa séria e acreditadissima, recomenda-se, em especial aos Ex.mos Eclesiasticos e corporações religiosas
Pedidos aos proprietarios
J. D'OLIVEIRA TAVARES, FILHOS
—CARDIGOS—

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA { Rua do Ouro, 18 a 22
Rua do Comercio, 136 a 140
PORTO — Praça da Liberdade, 23 a 29

Abertura proxima de Agencias em outros pontos do paiz

Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
RIO DE JANEIRO — S. PAULO

MEDALHAS
Do Santo Condestavel
D. NUNO ALVARES PEREIRA
Preço 500 réis

DEPOSITO NA
LIVRARIA CATHOLICA
Rua Augusta, 220-LISBOA
Grande variedade de artigos e objectos próprios — para brindes —

FITAS

Papel chimico e mais pertences para todas as machinas de escrever. — Concertos garantidos.
Artigos para escriptorio.
Preços baratissimos — Executam-se pedidos da provincia

Requisições a
F. XAVIER MARTINS
R. da Padaria, 7, 2.º

Valerio, Lopes & C.ta L.da

Largo de São Julião, 22 e 23 e R. Nova do Almada, 1, 3 e 7

Telephones { C. 2778, loja. C. 3478, escriptorio
Telegramas { FERRAME

LISBOA

Armazem de Ferragens de todas as qualidades. Ferramentas para todos os officios. Chapas de ferro preto e zincado.
Zinco, latão, cobre e estanho, cravo de marca GLOBO, arames, cerrveros e todos os artigos relativos ao seu comercio

Sociedade Portuguesa de Administrações

Capital autorizado—5:000 contos Capital emitido—1:000 contos

Séde — Calçada do Sacramento 14, 1.º — Lisboa

Presidente honorario — **Candido Sotto Mayor**

Conselho Tecnico: José Serra Lynce, Antonio Miguel de Sousa Fernandes, Antonio Alves de Meira, José Antonio de Oliveira Soares e Dr. Joaquim Nunes Mexia.
Administração: EFECTIVOS: Dr. Domingos Pinto Coelho, Antonio Vieira Pinto, José dos Santos Lima.
SUPLENTES: Dr. Gabriel Vitor Bugalho Pinto, Dr. Francisco Serra de Sousa Lynce e Paulo de Artagão Correia Leite.
Conselho Fiscal: — EFECTIVOS: José Antonio de Oliveira Soares, Dr. Carlos Pinto da Cruz e Melo, Dr. Afonso de Melo Pinto Veloso.
SUPLENTES: Sebastião Marques d'Almeida, Alvaro de Miranda Pinto de Vasconcelos e Henrique Augusto Ferreira.

Delegação no Porto: *Pinto & Sotto Mayor*
Agente geral no Brasil: *Banco Português do Brasil*

Correspondentes em todo o país e no estrangeiro
Administração de bens moveis e imoveis no país, colonias, Brasil e Estrangeiro
COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES RUSTICAS E URBANAS
Transacções sobre produtos agricolas
Guarda e administração de quaisquer valores e titulos de credito
Cobrança de rendimentos, juros, dividendos, amortizações, conversões.
A Sociedade aceita todo e qualquer mandato, forense ou não, relacionado com as suas operações.
CONDIÇÕES CONVENCIONAIS
BANQUEIROS:
Pinto & Sotto Mayor
Banco Colonial Português
Banco Português do Brasil

Pinto & Sotto Mayor BANQUEIROS

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 22 e R. do Commercio, 136 e 140
PORTO — Praça da Liberdade, 28 a 29

Correspondentes no extrangeiro

Brasil
Rio de Janeiro e todos os estados do Brasil, Banco Português do Brasil e seus correspondentes.
Pará, Moreira Gomes & C.ª
Manaus, Tancredo Porto & C.ª

Hespanha
Tamonte, Lopez Oller, Martin Cordero y C.ª
Badajoz, Hijo de Arenzana y C.ª
Barcelona, Hijos de Magin Valls.
» Sociedad de Crédito Mercantil.
Valencia de Alcantara, Sucessores de Manuel Puebla.
Vigo e região gallaica, Banco de Vigo.
Madrid, Banco de Biscaya.
» Banco de Arquijo.
» *e demais terras de Hespanha*, Banco Español de Crédito.
Huelva, Banco Hispano-Americano.

Estados Unidos da America
Banks of New York, N. B. A.

Hollanda
Amsterdamsche Bank.

França
Paris, Banque Espagnole de Crédit.
Paris, Bordeaux, Biarritz, Havre, Nice e Marselle, Lloyds & National Provincial Foreign Bank, Ltd. e Banque Nationale de Crédit (16, Boulevard des Italiens).

Inglaterra
The British Bank of South America, Ltd
Lloyds Bank, Ltd.
London Joint City & Midland Bank, Ltd.

Italia
Crédito Italiano

Suissa
Société de Banque Suisse et Union de Banques Suisses.

Belgica
Anvers, Banque d'Anvers.
Bruxellas, Société Générale de Belgique.

Alemanha
Dresdner Bank.
Deutsche Bank.